

Sete desafios para ser rei

Sete desafios para ser rei

Jan Terlouw

Tradução

Tarcísio Lage

Iveline Lucena da Costa Lage



editora ática

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior.

Título original: *Koning van Katoren*
Título da edição brasileira: *Sete desafios para ser rei*
© Lemniscaat b.v., Rotterdam, 1971

Gerente editorial	Claudia Morales
Editor	Fabrizio Waltrick
Assistente editorial	Grazielle Veiga
Diagramadora	Thatiana Kalas
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Ana Luiza Couto
Projeto gráfico	Soraia Scarpa
Capa e ilustrações	Rafael Nobre
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Editoração eletrônica	Acqua Estúdio Gráfico
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T297s
8.ed.

Terlouw, Jan, 1931-

Sete desafios para ser rei / Jan Terlouw ; tradução de Tarcísio Lage e Iveline Lucena da Costa Lage. - 8.ed. - São Paulo : Ática, 2012.

168 p. ; 21 cm. - (Vasto Mundo)

Tradução de: *Koning van Katoren*
ISBN 978-85-08-15328-2

1. Novela infantojuvenil holandesa. I Lage, Tarcísio, 1941-.
II. Lage, Iveline Lucena da Costa, 1939-. III. Título. IV. Série.

11-6853

CDD: 028.5
CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 15328-2 (aluno)
ISBN 978 85 08 15329-9 (professor)
Código da obra CL 737913
CAE: 266573 - AL

2014

8ª edição

4ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encaixa os livros que você compra.



Sumário

1	A morte de um rei	7
2	Os pássaros de Decibel	20
3	Polvorinho	32
4	A terceira tarefa	47
5	Fumaceira	52
6	O Conselho de Ministros irrita-se outra vez	73
7	As igrejas moveiças de Ecumênica	77
8	O <i>Correio de Katoren</i>	94
9	Uma cidade lamentável	102
10	O atraso dos ministros	120
11	O invencível Pantaar	124
12	Reunião no parque	145
13	Um dia no Forte da Floresta	150
14	Rei de Katoren	163

1

A morte de um rei



Esta é a história do reino de Katoren. Ela começa numa noite de extrema importância para duas pessoas: para o velho rei e para Stach.

Para o rei, foi sua última noite, a noite de sua morte. Estava com oitenta anos e cansado de governar. Em vida, foi uma pessoa amiga e sempre teve muita sorte, até o fim, pois seu último desejo foi plenamente satisfeito. Costumava dizer:

— Quero morrer numa noite de tempestade, com raios cruzando o céu e o vento quebrando os galhos das árvores. Não quero morrer numa noite quente de primavera, embriagado com o perfume das flores. Numa noite assim, quero caminhar em volta dos lagos de meu parque, olhando os cisnes. Ou, então, admirar um belo espetáculo pirotécnico.

Quando o rei fechou os olhos pela última vez, Wiss, a capital de Katoren, foi assolada pela pior tempestade do século. A alma do rei deixou o corpo velho e cansado e foi levada pela tormenta para lugares jamais visitados por nenhum ser vivo.

Para Stach, aquela foi uma noite importante porque foi a noite de seu nascimento. Veio ao mundo, com os olhos arregalados, no exato momento em que um trovão sacudiu a cidade.

— É menino e tem os olhos azuis — gritou a parteira.

Felizmente, na primeira fase de sua infância, Stach só se preocupava em mamar e dormir, sem consciência da tragédia em sua volta. Primeiro foi com seu pai, um pedreiro que trabalhava na res-

tauração da catedral de Santo Aluísio, a maior de Wiss. Na manhã seguinte ao nascimento de Stach, um mensageiro do palácio, trazendo a notícia da morte do rei, pediu a seu pai que hasteasse, no alto da torre, a bandeira a meio pau. Não era seu trabalho, mas o responsável por isso adoecera. Cansado e ainda com muito sono — pois não se dorme na noite do nascimento de um filho —, o pedreiro escorregou e caiu do alto da torre. A mãe, profundamente abalada com a notícia, foi acometida pela febre do parto e morreu dias depois. Stach começava a vida órfão de pai e mãe.

O velho rei não tinha filhos nem filhas. Ninguém para sucedê-lo no trono. Como era de esperar em tais circunstâncias, uma onda de intrigas tomou conta do palácio, até que seis ministros formaram um governo provisório e prometeram que iriam estudar uma fórmula para escolher um novo rei. Diziam que Katoren merecia um rei excelente, o melhor, e que, portanto, era necessário garantias etc., etc.... No fim, os ministros ficaram agarrados ao poder como as orelhas à cabeça, esquecendo-se da promessa.

O povo de Katoren continuava chorando a morte de seu rei, amado e respeitado durante os cinquenta anos de seu reinado. Um rei sem protocolo, pouco chegado a discursos extensos e a documentos com muito palavrário, que gostava de caminhar pelas ruas, misturado com o povo, e que adorava fogos de artifício. Gostava tanto que fez uma lei determinando um mínimo de três espetáculos pirotécnicos por ano: no dia de seu aniversário, na noite de 31 de dezembro e em outro dia qualquer, quando sentisse muita vontade. Esse dia, que ficou conhecido como o Dia do Foguete do Rei, era anunciado pelo rádio, de manhã, e todo mundo deixava de trabalhar para soltar rojão. Havia uma exigência: tinha de ser um dia ensolarado.

Com sua morte, tudo isso acabou.

O bebê Stach, é claro, nada sabia do rei morto, de febre de parto ou de intriga ministerial. Nasceu sadio, bonito, talvez um pouco temperamental, a testa saliente e a boca fechada como que a mostrar que não era do tipo que come gato por lebre.

Evidentemente, Stach não podia viver de vento. Com a fome que estava, deu um grito com toda a força para tirar seu tio Gervá-

sio da profunda meditação em que se encontrava. Gervásio era um irmão mais velho do pai de Stach. Motivos para se preocupar não lhe faltavam. Durante trinta e três anos fora o criado do rei. Era ele quem polia as fivelas de prata da bota do soberano, escovava seu casaco, instruía o cocheiro para cuidar dos cavalos, fazia quase tudo no palácio. De repente, num espaço de poucos dias, o rei, seu irmão e sua cunhada estavam mortos. Talvez ele tivesse decidido dar cabo da própria vida se o grito de Stach não o houvesse chamado ao cumprimento do dever. Gervásio respirou fundo, foi à cidade, comprou chupeta, leite e mamadeira para alimentar, bem ou mal, o bebê faminto. Findos os funerais, Gervásio decidiu levar o sobrinho para sua pequena casa, construída atrás do palácio. Foi lá que Stach cresceu, pois o seu velho tio não perdeu o emprego. Os ministros continuavam utilizando o palácio para reuniões, e era ele quem limpava o casaco do ministro Vassouras ou abria a porta para o invariavelmente apressado ministro Ligeiro. Gervásio sempre foi serviçal. Passou a vida toda curvando-se diante das pessoas, aparecendo ao ser chamado e desaparecendo quando não era mais necessário. Era infeliz com sua subserviência, mas não sabia agir de outra maneira. Ao se ver responsável pela criação do sobrinho, Gervásio decidiu que Stach não seria um homem subserviente, mas uma pessoa capaz de dizer o que pensa em voz alta e, se necessário, de modo atrevido. Assim sendo, só ralhava com o sobrinho quando ele se mostrava acanhado, só o castigava quando o menino tinha medo de dizer alguma coisa. No mais, Stach podia fazer tudo o que passasse por sua cabeça.



Passaram-se os anos e os ministros não nomearam um novo rei. Ninguém em Katoren acreditava mais que isso pudesse acontecer. Numa noite, Gervásio teve um sonho estranho. Estava sentado numa confortável cadeira ao lado do trono, um criado acendia seu cachimbo, enquanto belas garotas o abanavam com seus leques. Bem perto, ele viu os joelhos do rei. Não percebeu se eram do velho ou do novo rei. Ele precisava ver o rosto do monarca.

ECUMÉNICA

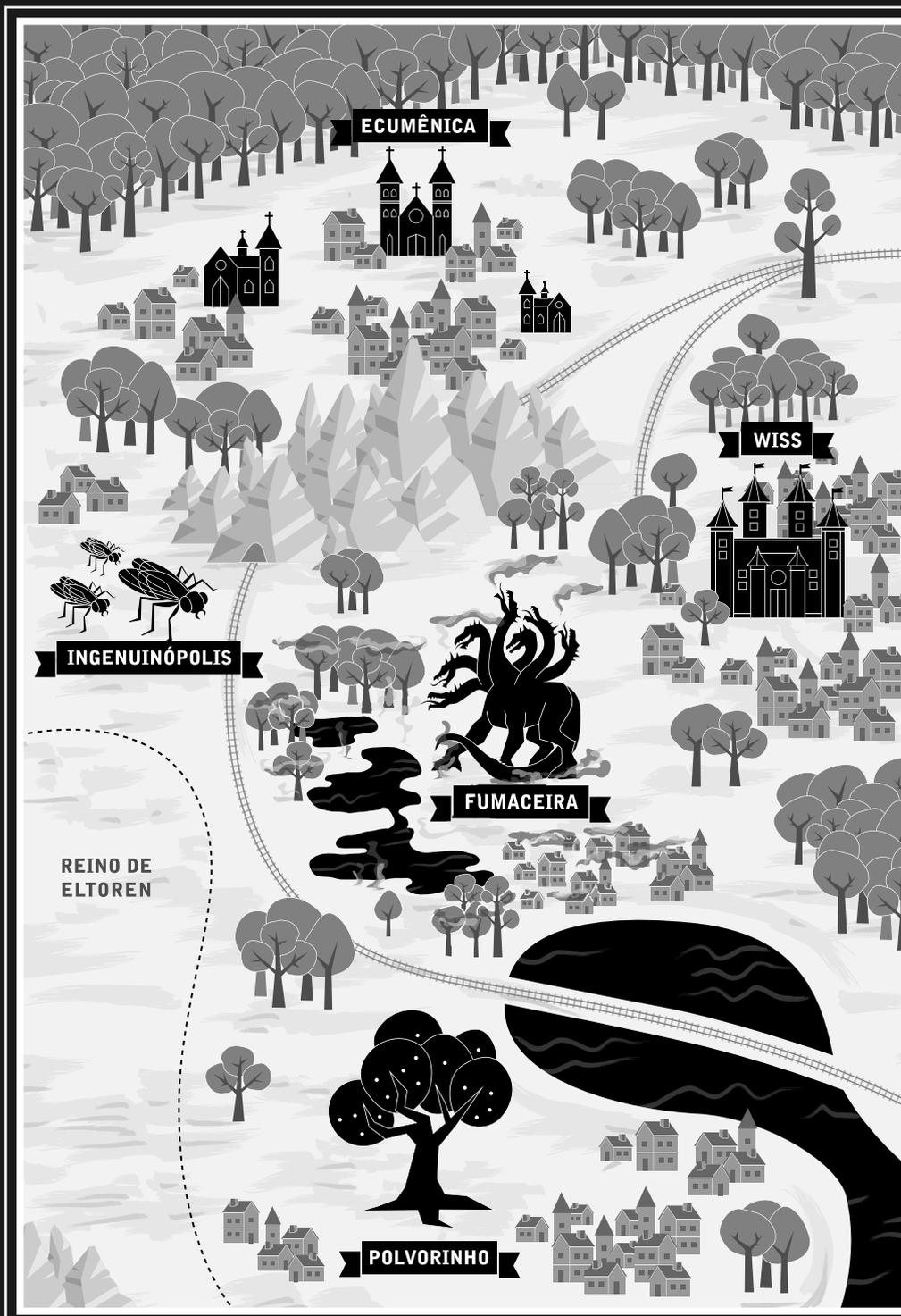
WISS

INGENUINÓPOLIS

FUMACEIRA

**REINO DE
ELTOREN**

POLVORINHO





DECIBEL

FORTE DA FLORESTA

EQUILIBRIUM

**REINO DE
KATOREN**

Teve muita dificuldade para descontraír os músculos do pescoço, mas, por fim, conseguiu levantar a cabeça, pouco a pouco, deslizando seus olhos pelo corpo do rei até descobrir que o soberano ao seu lado era Stach. Gervásio pensou muito sobre esse sonho. O jovem tinha nascido na noite da morte do rei. Parecia corajoso, inteligente e honesto. Cada vez mais, Gervásio estava convencido de que Stach ia ser, de verdade, o novo rei de Katoren.



O ministro mais velho chamava-se Sisudo. Tinha por volta de sessenta anos. As profundas rugas em seu rosto lhe davam uma aparência preocupada. Ele nunca sorria. Em sua careca brilhante ainda cresciam quinze fios de cabelo. Toda manhã, cuidadosamente, ele os alisava com uma pequena escova. Fora isso, o ministro Sisudo só fazia coisas muito sérias. O sr. Sisudo era o ministro da Severidade. A primeira coisa que fez, depois da morte do rei, foi modificar a lei sobre os fogos de artifício, proibindo-os definitivamente. O ministro Sisudo era um advogado do trabalho e do dever.

Numa manhã, dezessete anos após a morte do rei, estava o ministro Sisudo em sua sala de trabalho no palácio. Os fortes e exuberantes raios de sol de junho entravam pela janela, obrigando o ministro a se levantar para baixar a persiana. Bateram à porta.

— Entre — disse o ministro.

Era seu colega, Recto, o ministro da Honestidade.

— Estou incomodando? — perguntou o ministro com sua voz fraquinha.

— De maneira nenhuma, Recto. Sente-se, por favor.

Depois de terem discutido por algum tempo questões governamentais, o ministro da Honestidade disse:

— Fiquei sabendo, hoje de manhã, que o velho Gervásio trabalha há cinquenta anos no palácio. Trinta e três anos para o rei e dezessete anos para nós.

— Hum — sussurrou o ministro da Severidade. O ministro da Honestidade prosseguiu:

— Acho que seria justo se nós lhe oferecêssemos uma pequena festa para comemorar a data.

Proposta desse tipo não caía bem para um ministro da Severidade.

— Festas são perigosas, amolecem as pessoas para o trabalho e para o cumprimento do dever. Pense em outra coisa, Recto.

— Damos-lhe um título de nobreza?!

— Excelente ideia.

Os dois decidiram nomear Gervásio escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren. O ministro Sisudo apertou um botão em sua mesa e um momento depois estava diante dele o velho criado.

— O que posso fazer para Vossa Excelência? — perguntou Gervásio.

— Nada — respondeu o ministro. — Agora somos nós que queremos fazer alguma coisa para você, Gervásio. O ministro da Honestidade acaba de lembrar-me que hoje você completa cinquenta anos de trabalho no palácio. Você também se lembrou disso?

— Sim, Vossa Excelência — murmurou Gervásio, todo aca-nhado.

— Decidimos nomeá-lo escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren. O que você acha?

“Não tenho necessidade de suas condecorações”, pensou Gervásio, mas disse:

— Não sei o que dizer. Não mereço.

— Como não merece?! — afirmou o ministro Recto com presteza. — Você merece sim.

— Há mais alguma coisa que possamos fazer por você? — perguntou o ministro Sisudo.

— Sim — respondeu Gervásio para surpresa dos dois ministros. — Eu ficaria muito agradecido se Vossas Excelências recebessem meu sobrinho Stach para uma audiência.

— Seu sobrinho Stach?

— Ele nasceu há dezessete anos, na noite da morte do rei. Na manhã seguinte, meu irmão caiu da torre da catedral de Santo Alú-sio. Três dias mais tarde, minha cunhada morreu com febre de parto. Desde esse dia estou cuidando, como posso, do menino.

— Você nunca nos falou sobre isso antes.

Gervásio manteve-se em silêncio. “Desde quando os ministros estavam interessados em sua vida?”, pensou.

— Por que você deseja tanto que recebamos seu sobrinho?

Acanhado, Gervásio não parava de rodar com as mãos seu chapéu.

— Não sou eu. É ele mesmo que deseja. Ele quer perguntar algo a Vossas Excelências — respondeu Gervásio com a voz entrecortada.

— Lamento, mas não tenho tempo a perder com um rapaz de dezessete anos. Provavelmente você também não, Recto — disse o ministro Sisudo.

Na verdade, o ministro da Honestidade também não estava muito a fim de receber Stach, mas, como não podia mentir, disse:

— Está bem. Amanhã às dez horas. Vou atendê-lo por alguns minutos.

— Muito obrigado, Vossa Excelência. Até à vista, Excelências.

Curvando-se em sinal de respeito, o escudeiro da Ordem dos Bisões de Katoren deixou a sala do ministro da Severidade.



Na manhã seguinte, Stach apresentou-se ao ministro Recto, que tinha uma agenda de trabalho das mais apertadas. Afinal de contas, ele era o responsável pela honestidade do reino. Era fácil ver em seu rosto como sua missão era difícil. Seu lábio inferior estava sempre ferido de tanto que ele o mordida quando havia um problema complicado para resolver. Não raras vezes, fechava os olhos para melhor refletir se estava mesmo dizendo a verdade. Ele tinha dificuldade até de escrever “caro senhor” no início de uma carta quando na verdade detestava a pessoa a quem esta se endereçava. Uma vez ele tentou a forma “enfadonho senhor”, mas isso rendeu-lhe muitas dores de cabeça. Por fim, decidiu omitir qualquer adjetivo no início de suas cartas. Deu certo a solução. Mas também em casa o ministro da Honestidade tinha lá seus problemas. Continuamente pilhava sua mulher e seus filhos contando pequenas mentiras. Dois de seus filhos foram estudar no exterior.

— Então, você é o sobrinho de Gervásio?

— Sim, Excelência — respondeu Stach, olhando, atrevidamente, no fundo dos olhos do ministro.

— E você tem uma pergunta a fazer?

— Ministro Recto — disse Stach —, Vossas Excelências tiveram dezessete anos para escolher um novo rei, e até agora nada ficou decidido. A minha pergunta é: o que uma pessoa precisa fazer para se tornar rei de Katoren?

O ministro da Honestidade emudeceu. Nunca ninguém tinha se atrevido a fazer tal pergunta. Fechou os olhos em busca de uma resposta. Por fim falou:

— Se você tivesse feito essa pergunta ao ministro da Eficiência, em dez minutos estaria decapitado.

— E por quê? — perguntou Stach admirado.

— Porque a pergunta implica que você não aprova a nossa política.

— Isso também é verdade — disse Stach.

— Que escândalo!

— Pensei que o senhor valorizaria minha honestidade.

— Ouça, jovem, vou procurar esquecer o que você disse. Peça-me outra coisa. Alguma coisa neutra, inocente, que eu possa levar ao conhecimento de meus colegas. Depois, volte para casa e nunca mais pense em tamanha loucura.

— Ministro Recto — disse Stach —, pois, então, eu peço que Vossa Excelência apresente o seguinte pedido ao Conselho de Ministros: o que eu devo fazer para me tornar rei de Katoren?

— Vão condená-lo à morte.

— Tenho algo mais a acrescentar. Telefonei para todos os jornais comunicando qual seria o teor da minha pergunta. Dê uma olhada e vai ver um pequeno exército de jornalistas na porta do palácio. Estão morrendo de curiosidade para saber a resposta. Vossa Excelência já imaginou a confusão que seria caso a resposta fosse apenas a minha cabeça decapitada, presa numa estaca?

O ministro Recto rangeu os dentes. Não conseguia entender como o dócil Gervásio podia ter criado um sobrinho tão atrevido. Em nenhum momento pensou que Stach pudesse constituir um sé-

rio perigo para o governo. Mas o ministro tinha medo da imprensa. Os jornalistas pareciam galinhas ciscando os fatos para descobrir pequenas mentiras. E mentiras, mesmo as pequenas, ele, o ministro da Honestidade, não podia aceitar. Disse secamente:

— Vou apresentar seu pedido ao Conselho de Ministros. Você terá a resposta no devido tempo. Mais alguma coisa?

— Isso é tudo, Excelência.

— Então, bom dia.

Stach saiu da sala e fez um resumo de sua conversa com o ministro para os jornalistas na porta do palácio. O ministro Recto permaneceu em sua cadeira, mordendo o lábio inferior, que já sangrava.



Passaram-se semanas, e Stach não recebera nenhuma resposta. Sabia, por intermédio de tio Gervásio, que o Conselho de Ministros estava profundamente dividido sobre a questão. Mas nem ele nem seu tio sabiam que dois ministros eram a favor de seu exílio em um país distante, dois outros queriam vê-lo decapitado, enquanto os dois ministros restantes propunham um teste composto de sete tarefas quase impossíveis que Stach deveria executar no tempo prescrito.

O ministro Recto justificava, assim, o uso do teste:

— O sistema já foi utilizado, há inúmeros exemplos históricos. Além do mais, o teste servirá para satisfazer o sentimento de equidade do povo de Katoren.

— E o negócio será bem simples — emendou o ministro Vasouras. — Vamos exigir o cumprimento de sete tarefas tão difíceis que, na primeira, o atrevido já desiste para ir chorar no ombro de seu tio Gervásio.

Para o ministro Ligeiro esse negócio de teste era muito complicado. Na qualidade de ministro da Eficiência, era a favor da simplicidade.

— Chega de conversa. Vamos cortar logo a cabeça do atrevido — disse enquanto anotava num pequeno caderno sua proposta e a dos colegas.